

“OFÉLIA”, DE FERNANDO AZEVEDO

Mônica Genelhu Fagundes*

Os poetas portugueses, que sabem o mar e seus naufrágios, e conhecem as águas que são caminho e perdição, utopia de futuro e memória de tempos já passados – mas fonte sempre de novos ou renovados cantos – ouviram bem e ouviram muito o apelo inspirador de Ofélia, “musa afogada”, como a chamou Nuno Júdice, que desce, continua sempre a descer, um rio antigo, a querer navegar por outras costas, levando um ramo florido, carregado de pétalas e de sílabas. Personagem de Shakespeare – amada desprezada de Hamlet, enlouquecida e lançada à corrente, a diluir-se nas águas, a disseminar-se nelas para muito além da Inglaterra Elisabetana e daquele Reino da Dinamarca onde havia algo de podre – ela vai transitar pela poesia portuguesa, num percurso que vai do fim-de-século aos modernismos, para chegar às *Metamorfoses* de Jorge de Sena, onde parecem consumir-se, poética e conceitualmente, os sentidos de deriva e suspensão, apagamento e sublimação sugeridos pela figura trágica.

Faz sentido que uma imagem sua componha o museu imaginário que Sena concretiza em livro, celebrando a história humana pela via da arte. Do texto do *Hamlet* às suas muitas interpretações teatrais, representações plásticas e releituras literárias, Ofélia tem sido casta, decaída, frágil, louca, transgressora, santa, sereia, ninfa e borboleta. Imersa na corrente da cultura, ela ensina sobre o seu curso, seus discursos e seus modos de passagem. É a personagem feminina mais representada no teatro e na pintura da Inglaterra Vitoriana. Cada nova performance, cada novo retrato a redescobre e a redefine, revelando mais uma das contraditórias facetas dessa figura prismática, que desafia dicotomias, não cabe em perfis pré-concebidos e desmente toda identidade fixa, todo estereótipo. Uma metamorfose encarnada, infundida de historicidade.

A estética surrealista da pintura de Fernando Azevedo captura bem o caráter fluido de Ofélia. Deixando ao fundo o Castelo de Elsinore, com seu peso de pedra, sua figura se eleva na praia, altaneira. Estranhíssima flor de exótica aparência, nova Afrodite Anadiômena brotando das águas, ou chama acesa sustentando um ramo de fogo, unindo os espaços do baixo e do alto, e os quatro elementos: água, terra, fogo e ar. Constituída deles todos, borboleta na sua metamórfica natureza. Assim a percebe Jorge de Sena, num poema que pensa o quadro como cenário teatral (e de fato Fernando Azevedo era também cenógrafo) onde se vão encenar muitas metamorfoses: a da tela, lida em versos; a do texto de *Hamlet*, citado e alterado no corpo do poema; as de Ofélia: de Shakespeare a Sena; de donzela “casta como o gelo, pura como a neve” a mulher, num corpo incandescente, sexualizado e finalmente possuído. “Uma ansiedade colorida” em “penetrada pose virginal”, resume o poeta observador.

Este, afinal, o drama em cena: o desvirginar de Ofélia, que repercute no espaço todo do poema-cenário, também corpo erotizado, mobilizado por essa cerimônia iniciática. Em seus versos, elementos de natureza diversa se cruzam e se convertem uns nos outros: cores quentes e frias contrastam e se combinam em dissonante harmonia, o sólido castelo de pedra tremula nas águas, suave, maleável; muralhas se arrepiam ao vento; os rochedos escoam como mantos que se despem; a praia esbranquiçada, coberta de nuvens brancas, se faz sangüínea. Sena leu *Hamlet*, mas leu também a cantiga de D. Dinis: a sua Ofélia é de novo aquela rapariga que “vai lavar camisas – vai-las lavar alva”, mas “o vento lhas desvia”. Suas pernas de donzela, entre as quais um ousado Hamlet se quis deitar um dia, cedem e se abrem a um sopro, ou ao contato do “sexo túrgido” que vai penetrar outros lábios e uma cabeleira mais escura e mais crespa do que aquela que Ofélia tradicionalmente carrega como índice do seu destino fatal: “os longos, longos, os cabelos soltos” que Bachelard diz guardarem o devaneio das águas. De outra morte se trata aqui, nesta relida diluição em águas mansas: não a bela e mais emblemática morte,

mas pequena morte orgásmica que o poema consuma no nome exclamado da musa: “Ofélia!”

Concluída sua metamorfose, ela se vai, senhora de si mesma, desprendendo-se de Hamlet, enviado ao repouso cercado por um coro de anjos. “Enquanto uns têm de vigiar, os outros têm de dormir”, anuncia, e já se sabe então a quem caberá nesse drama o compromisso seniano do testemunho. Ofélia é metamorfose ela mesma: borboleta. Dilui-se, mas deixa sua marca sanguínea, humana. Carrega em si um rastro e uma potência de imagens e textos, uma história transfigurada que a poesia olha, lê e dá a conhecer.

* Professora de Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Seu interesse de pesquisa se concentra nos diálogos entre literatura e artes plásticas no cenário português do século XX.